

METODOLOGIA DA FILOSOFIA E DO ENSINO DE FILOSOFIA: TENSÕES E CONFLUÊNCIAS

METHOD OF TEACHING PHILOSOPHY AND PHILOSOPHICAL
THOUGHT: TENSIONS AND MEETING POINTS

Dalton José Alves

Doutor em Educação. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Rio de Janeiro, Brasil.
dalton.alves@unirio.br

RESUMO: Discutimos neste texto a possibilidade da construção de uma proposta metodológica de ensino da filosofia com a história da filosofia como elemento singular para o aprendizado da metodologia da filosofia: o filosofar. Iniciamos analisando a questão recorrente se no ensino de filosofia no ensino médio o importante é o aprender a filosofar ou o conhecer a história da filosofia, considerado no subtítulo deste trabalho como tensões e confluências. Neste caso, a nossa proposição vai na direção da confluência. Destacamos os aspectos positivos da história da filosofia como caminho para o aprender a filosofar. Concluímos que no ensino de filosofia é possível aos estudantes assumirem a atitude filosófica em suas vidas a partir de uma metodologia de ensino baseada na tradição filosófica.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia do ensino de filosofia. Aprender a filosofar. História da filosofia.

ABSTRACT: In this paper, it is discuss about the possibility of a methodological purpose to teaching philosophy, linked to history of philosophy as a single subject to a learning method: the philosophical thought. At the begging, the matter is to analyse what is more important in the teaching of Philosophy in high schools: the philosophical thought, or to know only the history of philosophy, considering tensions and meeting points on it. In this case, the purpose is to go further to meeting points between philosophical thought and history of philosophy. At the same time this paper focuses some positive aspects of history of philosophy as a way to learning the philosophical thought. The paper points that is possible to take a philosophical attitude by the students in their own lives from a teaching method based on philosophical inheritance.

KEY WORDS: Method of teaching philosophy. Learning to philosophical thought. History of philosophy.

Neste texto partimos da discussão de dois tipos de saber filosófico: o fazer filosofia e o ensino de filosofia. No primeiro, estamos no âmbito da metodologia da filosofia; no segundo, no âmbito da metodologia do ensino de filosofia. No primeiro, tratamos do como a filosofia produz seus conceitos e visão de mundo; no segundo, abordamos como aprendemos e ensinamos a produção deste tipo de conceito e visão de mundo.

Destes dois tipos de saber filosófico destacamos a *metodologia do ensino de filosofia*, para analisar dois aspectos centrais os quais são em si distintos porém complementares. Um dos aspectos é a necessidade de ser *informativo* e o outro *formativo*. Um remete à memória do que foi e continua sendo feito sob o rótulo de “filosofia”. O outro é o próprio aprendizado do filosofar, o qual implica o domínio e o desenvolvimento de um estilo específico de saber, o saber filosofar, “[...] como uma das dimensões da forma de compreender o homem e o mundo” (ALVES, 2002, p. 127).

No subtítulo deste trabalho indicamos que, no bojo das discussões atuais acerca da metodologia da filosofia e da metodologia do ensino de filosofia, existem tensões e confluências. Entendemos confluência no sentido utilizado na geografia para definir a junção de dois ou mais rios ou ainda a convergência para um determinado ponto. No dicionário Aurélio, assim consta a definição de *confluência/confluir*:

Lugar onde se juntam dois ou mais rios [...]. Procedimento com que se obtém uma equação diferencial a partir de outra que tem dois pontos singulares, fazendo um dos pontos tender para o outro [...]. Juntarem-se (dois rios) e correrem depois num leito comum. (FERREIRA, 1986).

As tensões seriam entre duas posturas acerca de como proceder em relação ao método da educação filosófica. Sendo que há aqueles que defendem que só é possível aprender a filosofar, entendendo isto como compreender, e a aplicar o modo de produção filosófica, o fazer filosofia. E há aqueles que entendem ser necessário o estudo da história da filosofia para se chegar ao aprendizado do fazer filosófico e, neste sentido, defendem a tese do quanto é relevante e pertinente conhecer a história da filosofia para se aprender a filosofar.

Trata-se de uma polêmica recorrente ao se tratar da metodologia do ensino de filosofia no nível médio atribuída às posturas supostamente antagônicas entre Kant e Hegel a este respeito. O primeiro estaria mais inclinado à defesa do “aprender a filosofar” e o segundo defenderia o “conhecer a história da filosofia”. Parecem mesmo dois rios destinados a correrem paralelos e incomunicáveis sem chances do estabelecimento de confluências.

No entanto, trata-se de uma falsa oposição (RODRIGO, 2004, p. 91). E, conforme demonstra Obiols (2002, p. 74), “[...] há uma coincidência de fundo entre eles e que, em geral, sobre a questão da aprendizagem filosófica não há grandes diferenças entre os filósofos importantes”.

Podemos notar, contudo, que apesar dos avanços nas discussões e pesquisas neste campo não é possível afirmar ainda que esta tensão esteja totalmente resolvida e que chegamos hoje a uma *confluência* destes dois “rios”, correndo finalmente num leito comum.

Neste trabalho, a nossa proposição vai na direção da confluência. Para tanto, destacamos os aspectos positivos da abordagem que privilegia o “conhecer a história da filosofia”, a qual procura delimitar a origem e o surgimento da filosofia no tempo e no espaço como caminhos possíveis para o “aprender a filosofar”.

A razão disto se deve à nossa compreensão de que é mais aceitável a tese do “aprender a filosofar”, da qual soaria ridículo discordar, por se tratar disto efetivamente quando se fala do aprendizado da filosofia. Entende-se por isto que o estudante deve aprender a pensar por conta própria, de maneira crítica e autônoma a realidade presente e seus desafios.

Por outro lado, o método de ensino que privilegia o conhecer a *história da filosofia* para se atingir este mesmo fim, já não parece ser assim tão óbvio, não tem efetivamente uma aceitação imediata. Ao contrário, tem aqueles que consideram inadequado partir e utilizar a abordagem histórica no ensino de filosofia, sobretudo na educação filosófica do nível básico.

E aqui já apresentamos de saída nossa visão sobre este ponto, qual seja, não se estuda filosofia ou a história da filosofia para aprender filosofia no sentido de só saber o que fizeram ou deixaram de fazer os filósofos. Parte-se da história da filosofia para apreender o *estilo reflexivo da filosofia* e desenvolver em nós mesmos certo olhar filosófico sobre o mundo. Partir da história da filosofia é um caminho possível para aprender a filosofar e ser capaz de pensar com autonomia e filosoficamente os problemas que a

realidade apresenta como forma de desenvolver nossa própria capacidade para uma intervenção mais efetiva na realidade atual a fim de transformá-la. Em síntese, a nossa proposição é de que seja possível efetivamente aprender a filosofar *com* a história da filosofia.

Todavia, devido aos limites próprios deste trabalho, iremos tratar dessas questões de forma breve, indicando apenas o rumo de pesquisas que temos realizado e que pretendemos realizar, as quais têm como meta a construção de uma proposta de metodologia de ensino da filosofia *com* a história da filosofia como elemento singular para o aprendizado da metodologia da filosofia, do aprender a filosofar.

O *aprender a filosofar* compreende também uma parte *informativa*. Este não é pura criatividade espontânea. Na metodologia do ensino de filosofia, um aspecto a ser considerado é o deste ser *informativo* e não só *formativo*. Todavia, essa parte *informativa* não é necessariamente o estudo de algo morto, sem vida e portanto sem nada a nos acrescentar na atualidade. Segundo o professor argentino Guillermo Obiols (2002, p. 81, grifos nossos), “[...] se trata de filosofar *com* os filósofos do passado e não de uma *mera exumação de cadáveres*, que mais do que uma exposição acerca da filosofia trata-se de uma *exposição filosófica*”.

Por “exposição filosófica” entendemos tratar-se do estudo *crítico* da história da filosofia, o que significa não aceitar passiva e servilmente as produções filosóficas do passado como verdades inquestionáveis, e, sim, como forma de entender o pensar (a filosofia) atual, segundo a concepção de Antônio Gramsci (2006, p. 94), “[...] como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. Deve-se fazer, inicialmente, essa análise”.

A ideia corrente que concebe o conhecimento da história como uma espécie de “exumação de cadáveres”, nos termos usados por Obiols, supracitado, não se sustenta frente à mais breve análise. Em Gramsci também encontramos uma crítica a este lugar comum sobre o conhecimento da história, sobretudo na educação escolar, pois, ao seu ver, “[...] toda análise feita por uma criança só pode sê-lo sobre coisas mortas [ademais], [...] está sempre presente no morto um grande vivo” (GRAMSCI, 2001, p. 46-47).

O conhecimento da história da filosofia, neste aspecto, assume um viés vivificante no sentido de buscar e encontrar “o grande vivo” presente na tradição filosófica.

É neste sentido que podemos afirmar que há um nexó entre *instrução* (informação) e *educação* (formação) ao percebermos que na instrução é possível realizar-se um trabalho “vivo” sobre a história da filosofia com os alunos. O conhecimento da tradição filosófica se dará, neste caso, como o estudo dos “filósofos clássicos”; isto significa conhecer aqueles filósofos ditos fora de moda.

De acordo com Saviani (2010, p. 9),

[...] tendo sido colocado fora do realce do modismo [...] será devidamente estudado, será questionado nas suas contribuições e, enfim, veremos em que grau ele entrou no âmbito de um pensamento clássico (aquele cuja contribuição ultrapassa o tempo em que surgiu).

O “clássico”, nesta acepção, é o que continua atual, “vivo”, que ainda nos diz alguma coisa hoje, por isto recorreremos ao estudo desses autores.

Diferentemente do que parece à primeira vista, esse aspecto informativo é um modo de aqueles que iniciam o seu contato com esse tipo de produção do conhecimento, com isto que se chama de filosofia, descobrirem que esta área do conhecimento tem sua especificidade, a qual se diferencia dos demais saberes: o científico, o religioso, o artístico, o conhecimento comum e espontâneo. Que o modo de conhecer filosófico é diferente, em relação a estes e outros saberes; que se trata de um tipo de saber nem inferior, nem superior, mas apenas diferente em relação aos demais saberes.

Gramsci (2006, p. 95-96, grifos nossos) comenta, sobre a escola ser informativa ou formativa, que

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, *difundir criticamente verdades já descobertas*, “socializá-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a

descoberta, por parte de um “gênio filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Um curso de filosofia no ensino médio deveria, neste caso, considerar esses elementos na formação dos estudantes, preparando-os para “transformar”, “criticamente”, as “verdades já descobertas” no campo filosófico, histórico, científico, no campo da linguagem e da literatura etc., “em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de (nova) ordem intelectual e moral”.

E mais ainda: o fato de o curso de filosofia conduzir “uma multidão” de jovens e adolescentes “a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente”, deve ser encarado como um “fato filosófico, educacional, formativo” bem mais importante e original do que um curso meramente instrumental, “técnico”, voltado apenas para o atendimento de questões imediatas e pragmáticas, como a preparação para o vestibular/ENEM ou para o aprendizado de operações simples para atuar no mercado de trabalho, quando este pouco exige da capacidade intelectual de seus aprendizes.

No ensino de filosofia na escola, o problema não é conhecer a história da filosofia em detrimento do aprender a filosofar, e sim trabalhar a história da filosofia mecanicamente, de modo não filosófico. A questão fundamental é de fundo *metodológico*, no sentido de pensar em *como* promover uma educação filosófica que não seja descontextualizada, desconectada da vida dos jovens estudantes do ensino médio e sem relação com a própria filosofia. E não simplesmente demonizar o conhecimento da história da filosofia considerando-o inadequado para o aprendizado do filosofar na escola de nível básico.

Aprender os fundamentos do filosofar com a história da filosofia é um *caminho* possível como método para uma educação filosófica, se se considerar que o estudante, ao conhecer reflexivamente o que é isto que se tem feito historicamente sob o nome de Filosofia e à medida que ele toma contato com os filósofos, com os seus métodos e textos, reconstruindo seus conceitos em sua mente por meio de estudos dirigidos e orientados pelo professor, pode também assim aprender a pensar por conta própria.

É preciso oferecer condições para que o estudante aprenda a conhecer e a utilizar adequadamente o ferramental teórico e conceitual que a filosofia pode oferecer e oferece. Condição e razão necessárias para que se possa “voar” por conta própria com “asas” que não sejam de cera.

Sobre a relação da filosofia com a história da filosofia, Gramsci (2006, p. 94-95) comenta:

Não se pode separar a filosofia da história da filosofia, nem a cultura da história da cultura. No sentido mais imediato e determinado, não se pode ser filósofo – isto é, ter uma concepção do mundo criticamente coerente – sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções.

Não é muito diferente a posição de Kant e Hegel, segundo Obiols, para quem há uma coincidência de fundo a este respeito entre os dois filósofos alemães.

Para Kant (1983 apud OBIOLS, 2002, p. 74, grifos nossos),

Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, *mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os.*

Fiquemos ainda com o professor Obiols (2002, p.77), segundo o qual

[...] o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente. [...] Kant não é um formalista que preconiza que se deve aprender um método no vazio ou uma forma sem conteúdo; tampouco se segue que Kant tivesse avalizado a ideia de que é necessário lançar-se a filosofar sem mais, nem muito menos a

ideia de que os estudantes deveriam ser impulsionados a “pensar por si mesmos”, sem necessidade de se esforçar na compreensão crítica da filosofia, de seus conceitos, de seus problemas, de suas teorias etc.

E quanto a Hegel, o que ele pensa a esse respeito?

Em geral se distingue um sistema filosófico com suas ciências particulares e o filosofar mesmo. Segundo a obsessão moderna, especialmente a da Pedagogia, não se há de instruir tanto no conteúdo da filosofia, quanto se há de procurar aprender a filosofar sem conteúdo; isso significa mais ou menos: deve-se viajar e sempre viajar, sem chegar a conhecer as cidades, os rios, os países, os homens etc.

Evidentemente, quando se chega a conhecer uma cidade e se passa depois a um rio, a outra cidade etc., aprende-se, em todo caso, com tal motivo a viajar, e não apenas se aprende, mas se viaja realmente. Assim, quando se conhece o conteúdo da filosofia, não apenas se aprende a filosofar, senão que já se filosofa realmente. Ainda assim, a finalidade de aprender a viajar constituiria ele mesmo em conhecer aquelas cidades etc.; o conteúdo.

[...] O modo triste de proceder, meramente formal, este buscar e divagar perenes, carentes de conteúdo, o raciocinar ou especular assistemáticos, têm como consequência a vacuidade de conteúdo, a vacuidade intelectual das mentes, o fato de que elas nada possam (HEGEL, 1991 apud OBIOLS, 2002, p. 78).

E noutro lugar nos referimos a isto dizendo que,

Nessa trajetória, conhecemos não apenas *o que* pensaram os filósofos e *por que* pensaram determinada coisa e não outra, mas, também, *como* pensaram. Deste modo, entendemos o que é filosofia e aprendemos a filosofar aos poucos, à medida que entramos em contato com as diferentes perspectivas filosóficas existentes, percorrendo os textos dos filósofos, acompanhando

do seu raciocínio, com rigor e disciplina, ou seja, filosofando (ALVES, 2002, p. 126).

A questão do *aprender filosofia* e do *aprender a filosofar* são inicialmente como dois rios distintos mas que em algum ponto se juntam em confluência a correrem num leito comum formando um terceiro e grande rio que tem elementos de um e de outro mas que já não é mais o mesmo, tornou-se outro rio.

Tratar da origem e do surgimento histórico e geográfico da filosofia torna-se necessário para que o iniciante *no aprendizado do filosofar* situe esta área do conhecimento no espaço e no tempo e não simplesmente pense nesta como algo em si.

O conhecimento da história da filosofia mostrará ao estudante que a forma de conhecimento filosófico é uma *construção humana* e histórica que surgiu em determinada época e lugar. Ou, por outra via, que a filosofia surgiu em diferentes épocas e lugares, que não dá para fixar a sua origem a apenas um tempo e lugar na história. Como procuram mostrar autores contemporâneos, não sem muitas controvérsias e contrariedades no meio acadêmico. O que faz da origem histórica da filosofia um ponto nem um pouco pacífico como pode parecer à primeira vista.

A introdução dos estudantes neste debate pode ser benéfica para a sua formação filosófica ao passo que isto irá suscitar reflexões críticas perante as quais eles terão em algum momento que se posicionar.

Concordando ou não com a origem grega da filosofia, o importante é que fixar-se de início, sem análise ou reflexão, na afirmação de uma tese ou outra é uma atitude, no mínimo, muito pouco filosófica.

Neste contato com o conhecimento sobre a origem da filosofia, percebemos que este método de produção do saber que vem sendo produzido a bastante tempo na história, considerado hoje um dos patrimônios da humanidade, que este *modo de saber* pode não ter uma origem comum, nem única.

Em geral, costumamos considerar apenas a origem grega da filosofia, porém, há quem apresente outras possibilidades. Assim como os diferentes grupos humanos que viveram nos primórdios da humanidade os quais desenvolveram diferentes formas de fazer fogo, moradia, linguagem, assim também podem ter desenvolvido diferentes modos de “fazer filoso-

fia”, de produzir este tipo de saber que é denominado de “saber filosófico” e que se diferencia substancialmente dos demais saberes humanos, não por sua origem geográfica *mas por seu método de produção do conhecimento*, pelo tipo de saber que se produz, que é a *metodologia da filosofia*, o filosofar.

Nesta linha tem-se buscado identificar na história aquilo que pode ser considerado, além da origem grega da filosofia, uma filosofia oriental, uma filosofia africana ou mesmo uma filosofia ameríndia, dentre outras. Conhecer esta história, fazer esta memória adquire uma importância *informativo-formativa* para o aprendiz de filósofo, o qual com isto poderá se situar nos campos filosóficos já existentes, defendendo-se destes ou neles se inspirando para a própria produção filosófica.

A título de exemplo da perspectiva que não considera a origem geográfica da filosofia como fixada na Grécia antiga, e sim trabalha com uma visão plural (pluriversal¹) desta origem, citamos abaixo dois exemplos.

Brunner (1988, p. 12), sobre o Oriente, afirma:

O pensamento Oriental não é este magma obscuro de pensamento religioso, como gostávamos de ver. Além do fato de sabermos hoje que o mito e a religião estão carregados de sentido, sendo autênticas tentativas de explicação, observamos que o Oriente produziu pensadores de uma penetração e uma sutileza que não deixa nada a desejar no que respeita aos seus confrades ocidentais. As escolas budistas, por exemplo, nas suas discussões, tanto entre si, quanto com as escolas hindus, a respeito da realidade ou idealidade do mundo, revelam através de seus representantes uma inventividade intelectual e uma preocupação com o rigor e a precisão verdadeiramente admiráveis.

Nogueira (2013, p. 6), ao referir-se à filosofia africana, apresenta:

[...] trazemos um trecho das Máximas de Ptah-Hotep compiladas por Jacq (*sic*). O filósofo egípcio, ignorado pelos manuais e compêndios de filosofia, viveu por volta de 2200 anos antes da Era Comum e deixou, antes dos primeiros filósofos gregos, um conjunto de máximas filosóficas pouco conhecidas. Ele se ocupava de temas como a liberdade e definia o coração como lugar

dos pensamentos e das emoções, como o filósofo Epicuro de Samos (314 a.E.C – 270 a.E.C) se ocupava de reflexões sobre a arte de uma vida feliz e deixou a Carta a Meneceu também chamada de Carta sobre a felicidade. Disse Ptah-Hotep: “As palavras sábias são mais raras do que as pedras preciosas e podem provir até de jovens escravas” (Jacq, 2004, p. 53). Reconhece que a sabedoria, a capacidade de pensar adequadamente é rara; mas, acessível a todas as pessoas. O mesmo foi dito séculos mais tarde no *Mênon* de Platão, quando Sócrates demonstra que um escravo consegue resolver um teorema. O ligeiro exemplo está longe de solucionar o debate, mas dá início a um novo encaminhamento.

Para o iniciante nos estudos filosóficos, situar-se em meio a este debate é fundamental na atualidade com tantos problemas e conflitos raciais, sociais, ideológicos, culturais, econômico-políticos etc. Como dissemos, isto é necessário para que ele, o estudante, defenda-se das filosofias existentes, criticando-as onde e quando devem ser criticadas e nelas se inspirando naquilo que merecerem inspiração.

Assim, se a metodologia do ensino de filosofia consiste no aprender a filosofar, por outro lado, não podemos prescindir da memória de como isto tem sido feito ao longo da história.

Segundo Silvio Gallo (2002, p. 198),

[...] a reflexão sobre o ensino de filosofia deve superar a famosa dicotomia entre aprender filosofia (produto) ou aprender a filosofar (processo), tornada famosa por Kant ao comentá-la na *Crítica da Razão Pura*. Filosofia é processo e produto ao mesmo tempo; só se pode filosofar pela história da filosofia e só se faz história filosófica da filosofia, que não é mera reprodução [*sic*].

Nesta perspectiva, desenvolver uma metodologia do ensino de filosofia que tenha a história da filosofia como método e conteúdo é um desafio que se impõe na atualidade. *O ensino da filosofia como “aprender a filosofar” com a história da filosofia* implica sim, num primeiro momento, retomar os filósofos do passado e as suas respectivas “filosofias”, seus con-

ceitos e categorias filosóficas, como algo acabado e já constituído. Porém, não como algo autônomo, independente do processo que o gerou, ao contrário, devemos buscar analisar a filosofia dos filósofos sem deixar de considerar o processo de reflexão que eles desenvolveram para chegar a esses resultados (SAVIANI, 2000, p. 30).

Saviani considera, a este respeito, que o “fazer filosofia” implica sobretudo assumirmos a “atitude filosófica” e isto significa “[...] desenvolver um processo de reflexão sobre os problemas que a nossa época está colocando [...]”. (SAVIANI, 2000, p. 30).

E mais ainda:

Transmissão pura e simples dos resultados da reflexão de Aristóteles, da reflexão de Kant, da reflexão de Sartre, e assim por diante, não constitui propriamente a tarefa da filosofia (SAVIANI, 2000, p. 30).

[...] O fundamental, portanto, é que os alunos assumam essa atitude filosófica; que eles sejam capazes de refletir sobre os problemas com os quais eles se defrontam [...]. (SAVIANI, 2000, p. 31-33).

Uma metodologia do ensino de filosofia que tenha a história da filosofia como centro e referencial deverá considerar a necessidade de organizar um trabalho com a história da filosofia não como simples transmissão de conhecimentos do passado, e sim estabelecer estratégias didático-filosóficas que favoreçam apropriações críticas e criativas por parte dos discentes do cabedal filosófico já existentes para que possam refletir sobre “os problemas com os quais eles se defrontam” tendo em vista transformá-los.

É por isto que, no ensino de filosofia na escola básica, acreditamos ser possível aos estudantes assumirem a atitude filosófica em suas vidas. É possível aprender a filosofar *com* a história da filosofia.

Nota

- 1 “O pluriversal é um paradigma que inclui o universal, entendendo-o como um sistema local entre outros. O pluriversal é a reunião das universalidades, dos sistemas locais que se pretendem únicos, mas coabitam e coexistem com outros”. (NOGUERA, 2013, p. 6).

Referências

- ALVES, D. A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB. Prefácio de Sílvio Gallo. Campinas: Autores Associados/Fapesp, 2002.
- BRUNNER, F. A noção de filosofia no oriente e no ocidente. *Revista Reflexão*, Campinas, ano XIV, n. 41, p. 11-15, maio/ago. 1988.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio: Novo Dicionário da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GALLO, S. A especificidade do ensino de filosofia: em torno dos conceitos. In: PIOVESAN, Américo et al. *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí: Unijuí, 2002. p. 198.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2. _____ *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.
- HEGEL, G. W. F. *Escritos Pedagógicos*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NOGUERA, R. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia. *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- OBIOLS, G. *Uma introdução ao ensino de filosofia*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- RODRIGO, L. M. Aprender filosofia ou aprender a filosofar: a propósito da tese Kantiana. In: GALLO, S.; DANELON, M.; CORNELLI, G. (Org.). *Ensino de Filosofia: Teoria e prática*. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 91.
- SAVIANI, D. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2000. _____ *Educação: Preparação para o século XXI (Diálogos com Paulo Freire e Adriano Nogueira)*. In: _____. *Interlocuções Pedagógicas: conversas com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação*. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 09.

Recebido em 30 nov. 2015 / Aprovado em 3 dez. 2015

Para referenciar este texto

ALVES, D. J. Metodologia da filosofia e do ensino de filosofia: tensões e confluências. *EccoS*, São Paulo, n. 39, p. 41-53, jan./abr. 2016.

